



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANDREIA DOS SANTOS PEREIRA

**POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO COM AS VOZES DA LUTA PELA
TERRA: POÉTICAS ORAIS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS NA EFA DE MARABÁ - PA**

MARABÁ

2021

ANDREIA DOS SANTOS PEREIRA

**POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO COM AS VOZES DA LUTA PELA
TERRA: POÉTICAS ORAIS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS NA EFA DE MARABÁ - PA**

Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Faculdade de Educação do Campo (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Hiran de Moura Possas

MARABÁ
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e o encorajamento nesta caminhada acadêmica.

Agradeço à Unifesspa/ FECAMPO pelos conhecimentos adquiridos durante esses 4 anos de estudo.

A todos os meus familiares e amigos pelo apoio e principalmente por acreditarem que conseguiria concluir o curso de licenciatura Educação do Campo.

Ao meu orientador Dr. Hiran Moura Possas, pela paciência e a sensibilidade de me orientar e por ter sido humano e coerente nas dificuldades que enfrentei na construção desse artigo e por acreditar também que conseguiria.

Agradeço também aos docentes e a gestão do curso de Educação do Campo pelo acolhimento e os conhecimentos proporcionados durante esses 4 anos de curso.

Agradeço ao PA Grande Vitória e ao coletivo de agricultores que se disponibilizaram a contribuir com seus testemunhos a essa pesquisa.

E a todos da EFA professor Jean Hébette, educandos, professores e gestão pela disponibilidade de me receberem durante quase 3 anos de pesquisas e pelo acolhimento.

“Eu quero uma escola do campo, onde o saber não seja limitado, que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados, eu quero uma escola do campo, onde esteja o ciclo da nossa semente, que seja como a nossa casa, e não como a casa alheia.”

Gilvan Santos

ANDREIA DOS SANTOS PEREIRA

POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO COM AS VOZES DA LUTA PELA TERRA:
POÉTICAS ORAIS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
E SUAS LITERATURAS NA EFA DE MARABÁ - PA

Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação do Campo, Faculdade de Educação do
Campo (ICH/UNIFESSPA), como requisito
parcial e obrigatório para a obtenção da graduação
em Licenciatura em Educação do Campo.
Orientador: Hiran de Moura Possas

Defesa pública em 29 de janeiro de 2021.

Banca Examinadora:

HIRAN DE MOURA POSSAS UNIFESSPA/FECAMPO
(PRESIDENTE)

EDIMARA FERREIRA SANTOS UNIFESSPA/FECAMPO
(AVALIADORA1)

MARIA CÉLIA VIEIRA DA SILVA UNIFESSPA/FECAMPO
(AVALIADORA 2)

MARABÁ
2021

Por uma Educação do Campo com as vozes da luta pela terra: poéticas orais nas práticas pedagógicas de língua portuguesa e suas literaturas na EFA de Marabá - PA

Resumo: Neste artigo, reflete-se sobre a importância de trabalhar poéticas orais da luta pela terra dos moradores do PA Grande Vitória nos processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa e suas literaturas, na escola família agrícola professor Jean Hébette. Esse intuito partiu de algumas observações e preocupações experienciadas nos estágios e nas atividades de iniciação científica realizadas no curso de licenciatura em Educação do Campo da Unifesspa. Foi percebido que o ensino da língua portuguesa, seja nos ensinos fundamental e médio em suas dimensões linguísticas e literárias, era praticamente restrito à utilização de textos escritos e imagéticos, não observando a riqueza estética das narrativas e das performances dos narradores desse contexto fruto da luta do campesinato. No intuito de fundamentar o valor e a importância dessas oralidades artísticas, inicialmente realizamos reflexões sobre alguns estudos das poéticas orais e suas possibilidades de realização de diálogos com o ensino do campo. As poéticas orais dos moradores do PA evocam temáticas relevantes para o reconhecimento e valorização de modos de vida do campesinato: migração, resistência e crítica social. É fundamental e vital para a consolidação das Escolas do Campo que essas poéticas do cotidiano façam parte dos estudos da língua portuguesa e suas literaturas, buscando problematizar, mesmo que de forma experimental e inicial nessa reflexão acadêmica, além dos atributos políticos do ensino do campo, os tensionamentos desse fazer artístico com as historiografias linguísticas e literárias canônicas. Dessa forma, essa contribuição ao P A Grande Vitória e à Educação do Campo, ao menos, deseja se adensar à contra dispositivos discursivos respondendo às gramáticas simplesmente normativas da língua e suas respectivas literaturas brancas, urbanas, ocidentais e falocêntrica, dentre outras.

Palavras- chaves: Literatura. Narrativas orais. Educação do Campo. PA Grande Vitória.

Introdução

No artigo, pretende-se reafirmar a importância das narrativas orais sobre a luta pela terra dos moradores do PA Grande Vitória e suas possíveis e fundamentais inserções nos processos de ensinamentos e aprendizagens da Escola Família Professor Jean Hébette. Enquanto discente do curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, as pesquisas realizadas no período socioeducacional IV- estágio observação I¹ e a minha atuação como Bolsista de Iniciação à Pesquisa/CNPq, no projeto: Acordes de Cordéis Testemunhos em Poéticas do Campesinato² subsidiarão os diálogos propostos.

Através dessas experiências, surgiram provocações de um coletivo de educadores e integrantes da Comunidade sobre a importância de lembrar e difundir na Escola os processos de luta e conquista do PA Grande Vitória. É inquietação dessa Comunidade o fato de que muitos moradores, especialmente os jovens, desconhecem a historicidade da luta pela terra. No intuito de dialogar com essas questões, justifica-se a necessidade da busca de possíveis porquês acompanhados de ações a essas problemáticas levantadas. Em diálogo, em que medida essas poéticas do campesinato poderiam ser trabalhadas, nas aulas de língua portuguesa e suas literaturas, na EFA.

A Escola Família Agrícola (EFA) Professor Jean Hébette é um Estabelecimento Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) vinculado à rede de ensino da Secretaria Municipal de Educação de Marabá (SEMED), localizado no PA Grande Vitória, a 23 km da cidade de Marabá-PA. Trabalha com a Pedagogia da Alternância: tempos complementares (tempo/escolar e tempo/comunidade). Possibilidade de o estudante desenvolver pesquisas com conhecimentos locais, a partir do amadurecimento à crítica e à reflexão de sua própria realidade. A escola objetiva promover Educação adequada e dialogante, com crítica político-social, para jovens agricultores/as assentados/as.

¹ A pesquisa sócio educacional IV estágio observação I é um componente curricular obrigatório do curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, no qual tem como finalidade observar as práticas pedagógicas exercidas no ensino fundamental II nas escolas do campo.

² O projeto intitulado: Acordes de cordéis testemunho em poéticas do campesinato foi um projeto coordenado pelo prof. O Dr. Hiran de Moura Possas e a bolsista participante Andreia dos Santos Pereira, no qual é parte da memória do PIBIC/UNIFESSPA/2016-2017 “Acordes Oblíquos de cordéis: Marabá e suas terceiras margens” e teve como objetivo geral descrever temáticas advindas de entrevistas e ensaios descritivos do PAS; Boa Esperança do Burgo e Grande Vitória, e como objetivos específicos; analisar temáticas, acessar histórias de vida e Descrever produções pela letra - voz. Fizeram parte das narrativas, Cândido Reis e Luiz Antônio Ozório.

Ainda que a EFA de Marabá-PA pense em uma educação como prática da liberdade pelos princípios da Educação do Campo, por esse olhar, há necessidade de instrumentalização desse discurso, “pintando-se” das cores dos povos do campo, as cores dos negros, dos indígenas, dos camponeses, dos ribeirinhos e dos quilombolas, trabalhando com a realidade desses sujeitos. A educação do campo parte dos conhecimentos, das lutas, das crenças e das auto identificações dos sujeitos do campo. Superação de sistemas convencionais de educação, com os devidos espaços para os conhecimentos do campo e as metodologias que poderão ser evocadas.

Delimitamos um universo de narrativas orais de luta pela terra dos moradores do PA, territórios da voz-corpo, recontando em ricos detalhes, estratégias, medos e decisões territorializando seus desejos.

As metodologias utilizadas, nesse processo, derivam de pesquisas qualitativas e da necessidade de leituras de fenômenos sociais, a partir da perspectiva dos seus agentes (re) significando suas vidas. (Schmidt, 1995).

Dessa forma, os ensaios metodológicos iniciados, pelas orientações da história oral, possibilitam o acesso a versões de vivências dos protagonistas dessas lutas pela terra, bem como por meio da etnografia, por Peirano (2014). O fazer etnográfico é parte de nossa construção social, enquanto sujeitos etnográficos em reflexão sobre o mundo e os sentidos atribuídos ao mesmo. Por meio da minha atuação no projeto Acordes de cordéis testemunho em poéticas no campesinato e na pesquisa de tempo comunidade IV, essas metodologias foram evocadas e se tornaram importantes para o alcance de algumas problemáticas, como de que maneira as poéticas orais sobre a luta pela terra poderiam ser aderidas ao ensino de língua portuguesa, na Escola Família Agrícola Professor Jean Hébette, Marabá-PA?

O artigo apresenta três seções. A primeira apresenta um olhar para o percurso da Educação Popular no Brasil, em especial o da Educação do Campo. E descreve a inserção da pesquisadora nas vivências do campesinato e na educação do campo. A segunda contextualiza o lócus da pesquisa: PA Grande Vitória, suas lutas territoriais, os sujeitos participativos dessa conquista. A quarta faz descrição da Escola Família Agrícola, ao seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e a sua matriz curricular. A quinta é uma memória de reflexões alcançadas, como bolsista PIBIC, na pesquisa “Acordes de cordéis testemunhos em poéticas do campesinato”, destacando definições de poética oral a luz de alguns estudiosos da temática, no qual também sinaliza possibilidades de trabalho dessas poéticas em práticas de ensino de língua portuguesa e literaturas, na Escola EFA.

1 Por Uma Escola do Campo com as Vozes da Luta pela Terra

A história da educação no Brasil se omitiu de pensar uma escola com os sujeitos do campo, e quando tentou pensar ignorou a realidade social e cultural dessas populações, sendo uma educação homogeneizadora e fragmentada. Essa educação descontextualizada problematiza uma série de questões: que educação é essa que não nos representa enquanto sujeitos do campo e que não nos leva em consideração e não discute a nossa realidade? Qual o lugar ou o não lugar que nós, sujeitos do campo, ocupamos nesse modelo de educação excludente? Qual a escola que queremos?

Eu quero uma escola do campo que tenha a ver com a vida, com a gente, querida e conduzida coletivamente. Eu quero uma escola do campo onde o saber não seja limitado que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados... (canção “construtores do futuro” Gilvan Santos).

Por esses questionamentos, os movimentos sociais e os trabalhadores do campo começaram, historicamente, a pensar e discutir uma educação que dialogasse com a nossa realidade, a partir de uma luta coletiva por uma educação pensada com os sujeitos do campo, das águas e das florestas.

O curso de Licenciatura em Educação do campo surgiu dessas lutas inflamadas pelos movimentos sociais e organizações populares do campo em busca da afirmação dessas identidades do campo no processo de ensino. Essa luta se firmou e foi se consolidando em um campo de conflitos, cuja resistência foi reafirmando alguns direitos.

Em 2009, nasceu o curso de Licenciatura em Educação do campo, através do REUNI (reestruturação e expansão das universidades federais) na Universidade Federal do Pará (UFPA), atual Unifesspa. A proposta do curso de educação do campo é formar educadoras e educadores do campo. Pais e filhos camponeses compreendendo como educação de qualidade o diálogo, sob tensionamentos, de conhecimentos de tradição comumente chamada de ocidental com a da diversidade e complexidade dos conhecimentos dos povos do campesinato.

Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador (FREIRE, 2014, p.62).

O educador humanista tem por finalidade fomentar pensamento crítico visando à libertação dos oprimidos, distorcendo as subjetividades estabelecidas por grupos dominantes dentro de um contexto macro e micro. A educação do campo cria uma força contra - hegemônica aos processos de formações tradicionais de educadores, trabalhando para o fortalecimento do

papel emancipatório e pela igualdade de direitos, justiça social, e cultural, entre os povos do campo.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo da Unifesspa tem sua dinâmica instada na Pedagogia da Alternância; espaços, conhecimentos, práticas, vivências e experiências em diálogos e complementações.

No bojo da pedagogia da alternância está a construção de projetos educativos que transcendem os espaços escolares formais e promovam a formação do homem e da mulher do campo lastreada em uma pedagogia fundamentada na cultura do campo. Sendo assim, as ações dessa proposta formativa procuram integrar o saber sistematizado produzido na esfera educativa com os saberes e vivências elaboradas por homens e mulheres do campo, nas suas experiências cotidianas (BRITO, PEREIRA, VIEIRA, 2019, p.54).

O tempo-espaço universidade é aquele no qual se constitui os momentos das aulas, seminários, rodas de conversas, sistematização e apresentação dos dados da pesquisa do tempo-espaço localidade. O tempo-espaço localidade é o momento em que os discentes realizam com os professores as pesquisas e diálogos com os conhecimentos, culturas, identidades e práticas pedagógicas existentes na sua comunidade, valorizando a importância dos espaços educacionais ditos não formais.

No entremeio dessas experiências dialogantes, a organização por eixos temáticos faz a indicação de temas geradores pensados, a partir de possíveis problemáticas das comunidades.

Em relação às áreas de conhecimentos do curso, temos quatro, sendo elas: Ciências Humanas e Sociais, Letras, Linguagens e Artes, Ciências Agrárias e da Natureza e Matemática. Por áreas de conhecimentos, também existe uma formação militante em que o saber subversivo é fundamental, pois em uma lógica de formação de educadores dominantes que passam a repassar discursos hegemônicos, a formação crítica através do saber subversivo é uma forma de contrapor-se a realidade forjada por uma proposta de licenciatura tradicional dominante.

[...] o perfil profissional projetado para o curso inclui três conjuntos de aprendizagem básicos de formação para os educadores do campo: (1) Docência multidisciplinar em uma das áreas de conhecimento proposta pelo curso: Linguagens, Artes e Literatura; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias. (2) Gestão de processos educativos escolares, entendida como formação para a educação dos sujeitos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, para a construção do projeto político-pedagógico e para a organização do trabalho escolar e pedagógico nas escolas do campo. (3) Atuação pedagógica nas comunidades rurais, o que significa uma preparação específica para o trabalho pedagógico com as famílias e ou grupos sociais de origem dos estudantes, para liderança de equipes e para a implementação (técnica e organizativa) de projetos de desenvolvimento comunitário sustentável[...] (CALDART, 2010, p.3).

Apesar da autora estar se referindo ao curso de licenciatura em Educação do Campo de outro estado com suas especificidades, vale ressaltar que essas áreas do conhecimento além de tratar dos objetos mais delimitados do conhecimento de cada área, também se coadunam pela análise de problemáticas dos Campos. A questão agrária é o ponto crucial para entendermos os conflitos entre o Estado e os movimentos sociais, e é também o ponto de partida relevante para a identificação das problemáticas territoriais, como a reforma agrária popular e seu desejo de promover uma resistência contra a expansão dos projetos agro minerais, dentre outros.

Discutir a reforma agrária é preciso, pois a luta por direitos sociais nos ajuda a criar mecanismos de resistência e a multiplicá-los, desconstruindo um imaginário social de dominação criado por esses projetos.

Quando falamos em disputa por território é preciso enfatizar que isto está para além da questão territorial, passando também pelo campo do saber, pois existem modos distintos de produção do conhecimento, e nesse sentido falar dessas disputas dentro das áreas do conhecimento é importantíssimo, porque a educação do campo está formando pessoas críticas, formadores de opinião, algo além da formação restrita a conteúdos programáticos.

Os conflitos, em volta dos projetos agro minerais, interferem e reprimem o camponês, indígena, quilombola e o ribeirinho. A expansão desses projetos traz um imaginário social capaz de alienar a sociedade. Entender essa questão e problematizá-la, tanto na formação de educadores do campo como nas escolas do campo, é fundamental, porque é urgente uma licenciatura pautada na realidade dos sujeitos e capaz de criar mecanismos educacionais e sociais de resistência contra o latifúndio e seus projetos para o Campo.

O desejo de compreender a necessidade de ter uma educação que faça sentido para o meu povo e que valorize e trabalhe a nossa realidade, enquanto povos do campo, nasceu do fato de ser filha de agricultores, e conhecedora das lutas dos povos do campo em busca de igualdades de direitos. Percebi a necessidade de termos uma educação para nós da classe trabalhadora. Busquei uma formação que reafirmava a minha identidade enquanto sujeita do campo, para assim, possibilitar à minha comunidade conhecimento crítico capaz de fazer sentido para nós, sujeitos do campo. Então, fui à luta durante esses quatro anos, estudando na área de Letras, Linguagem e Artes. Confesso que não foi nada fácil, porém a luta de muitas organizações do campo fez com que eu e muitas filhas e filhos de agricultores pudessem contemplar e vivenciar, ao máximo, esse espaço da universidade que é nosso por direito.

A priori, vivenciei com meus pais e irmãos momentos difíceis em um acampamento na estrada do rio preto, na fazenda Piquizeira, nas proximidades da Vila Três Poderes, município de Marabá – PA. Local em que enfrentamos, com o Coletivo de sem terras, conflitos contra

pistoleiros e policiais. Naquela época, eu era apenas uma adolescente não compreendendo quase nada. Recordo dos policiais armados atirando para cima, com linguagens odiosas, querendo o nome do líder do acampamento. Naquele espaço, havia crianças, adolescentes, adultos e idosos. Tudo isso me assustava muito. Houve momentos difíceis em que meu pai não estava mais com a gente no acampamento, pois tinha que trabalhar fora para nos manter financeiramente. As cestas básicas que os líderes distribuíam não conseguiram suprir nossas necessidades.

Não é possível entender a covardia do latifúndio sem considerá-la na sua nervura exposta, que é especificamente a matança realizada através de emboscadas, na escuridão e sem a possibilidade de defesa, tanto da vítima imediata, como na certeza da impunidade, por isso a ausência do medo (SILVA, 2020).

Assim, o ato feroz da matança do grande latifúndio se aplicava naquele espaço do acampamento. A certeza e a indignação com a impunidade comprometiam o planejamento de nossas vidas. Essas impunidades, mesmo que fossem denunciadas, não conseguiam encontrar os culpados e tudo voltava a ser como era antes: a violência e o medo. Muitas pessoas abandonaram aquele espaço de conflitos e violências e outros, mesmo com os despejos e violências, resistiam na luta.

A violência e violação de direitos no acampamento se aplicavam a outros fatores, e principalmente à educação. Por aquele espaço do acampamento não ter uma escola e ter muitas crianças, uma das lideranças da época o senhor Raimundão percebeu a necessidade de colocar as crianças para estudar e resolveu construir uma escola, um barraquinho de palha, para assim propor uma educação àquelas crianças e também para fortalecer o acampamento a respeito dos despejos. Houve muitas dificuldades, desde encontrar uma pessoa no acampamento em que soubesse o básico para lecionar ou até mesmo conseguir que a secretaria de educação da época encaminhasse os documentos necessários para abrir, naquele lugar, uma escola e conseqüentemente encaminhasse professores. Lembro de algumas reuniões que minha mãe me levava, uma delas vieram algumas pessoas da Secretaria de Educação de Marabá dialogando com os pais e líderes do acampamento. Houve uma resistência, por parte da secretaria, em encaminhar, alegando a falta de professores, e também a distância e falta de estrutura.

Tudo isso eu não entendia, perguntava à minha mãe se eu e meus irmãos não iríamos mais estudar. Ela entristecida nos falava que ali não tinha escola. Eu perguntava o porquê dos tiros e dos policiais nos xingam; ela nada me respondia e ficava ainda mais entristecida. Contudo, meus pais decidiram abandonar o acampamento e o nosso sonho de um pedaço de terra, para que pudéssemos plantar e colher nossa subsistência e autonomia.

Quando ingressei na universidade, fui entender e sistematizar aquela minha experiência de acampada; aquela adolescente sem-terra, sem escola, e com traumas psicológicos das emboscadas do latifúndio e a da pressão dos policiais, foi compreender aquele território de conflitos e entender também a importância de porquê de trabalhar com a Educação do Campo.

A Educação do Campo tem se tornado um contra dispositivo³ discursivo que se organiza para debater essas questões e sobretudo os direitos dos vulneráveis, possibilitando uma força contra hegemônica aos projetos de dominação construídos ao longo do tempo pela sociedade.

Quando Freire enfatiza “Desta forma, ao buscar a unidade, a liderança já busca, igualmente, a organização das massas populares, o que implica o testemunho que deve dar a elas de que o esforço de libertação é uma tarefa comum a ambas” (Freire, 2014, p. 183). Para tanto, a organização das classes populares é uma forma de lutar contra os paradigmas que foram impostos pela classe dominante, uma luta por nossa própria liberdade.

2. O Projeto de Assentamento Grande Vitória

O PA Grande Vitória é localizado às margens da Rodovia Transamazônica km 21. Ocupação, no ano de 1999, com 98 famílias, sendo agricultoras e agricultores que viviam às margens do rio Tocantins, nas proximidades do município de Marabá-PA. A ocupação partiu de boatos de que um fazendeiro, “dono da propriedade” desejava se desfazer das terras. Ocorreram resistências do fazendeiro. Várias delas por meio de ordem de despejo significando aos acampados deixarem a ocupação por três vezes.

Alguns dos agricultores fazem referência ao latifundiário Paulo Gordo, um agente de ameaça de mortes aos acampados. Em conversas informais com o senhor Cristiano, um acampado da época, ele relatou sobre pessoas mortas e enterradas em um cemitério clandestino, na antiga fazenda. A violência e a matança ocupam o lugar do silêncio na fala de entrevistados. Um esquecimento forçado impede o testemunho de traumas da luta pela terra. Depois de 23 anos, boa parcela dos agricultores se nega a falar. A rememoração desses episódios, mesmo que desvelado de forma tímida, nos adverte sobre a necessidade de denunciar mais ainda esses tombamentos e genocídios de camponeses, ao destrinchar as armadilhas e emboscadas do

³ A educação do campo tem se tornado um contra dispositivo discursivo através de ter práticas discursivas que vão de contraste à discursos hegemônicos e paradigmáticos, no qual se perpetuam na sociedade. Para além disso, a Educação do Campo tem se configurado para debater questões de caráter social, cultural, científico entre outros e que de certa forma nos ajudam a lutar por uma sociedade igualitária, no qual propõe desmistificar as subjetividades imposta pela sociedade sobre a classe trabalhadora.

latifúndio.

O P.A Grande Vitória, atualmente, é constituído por 106 lotes. Cada família trabalha na agricultura familiar e com a criação de gado. A área do P.A é de (1737.0810) Ha (hectares), com lotes divididos por tamanhos variados em duas importantes áreas, dadas as características marcantes: O lado Alto possui cinquenta e oito (58) lotes, maior parte coberto de pastagem para a criação bovina; O Baixão é composto por quarenta e oito (48) lotes, com uma área de mata ciliar às proximidades do rio Tocantins. O loteamento possui parcelas com tamanhos variados, sendo que a maioria tem entre cinco (5) a sete (7) alqueires, além de três (3) lotes de onze (11) alqueires.

Figura 1: Mapa de localização, capacidade e área do PA Grande Vitória.



Fonte: Website: <http://acervofundiario.incra.gov.br/acervo/acv.php>

Dentro do Projeto de Assentamento, há duas escolas: A Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Maria, que atende alunos da comunidade e a Escola Família Agrícola Professor Jean Hébette (EFA) atendendo alunos não só do P.A, mas de outras cidades e comunidades.

3. A Escola Família Agrícola professor Jean Hébette

A escola família agrícola Jean Herbert fica localizada no PA Grande Vitória, km 25. Está localizada em uma propriedade privada (espaço alugado e mantido pela prefeitura Municipal de Marabá-PA), de estrutura física modesta, com duas salas de aulas.

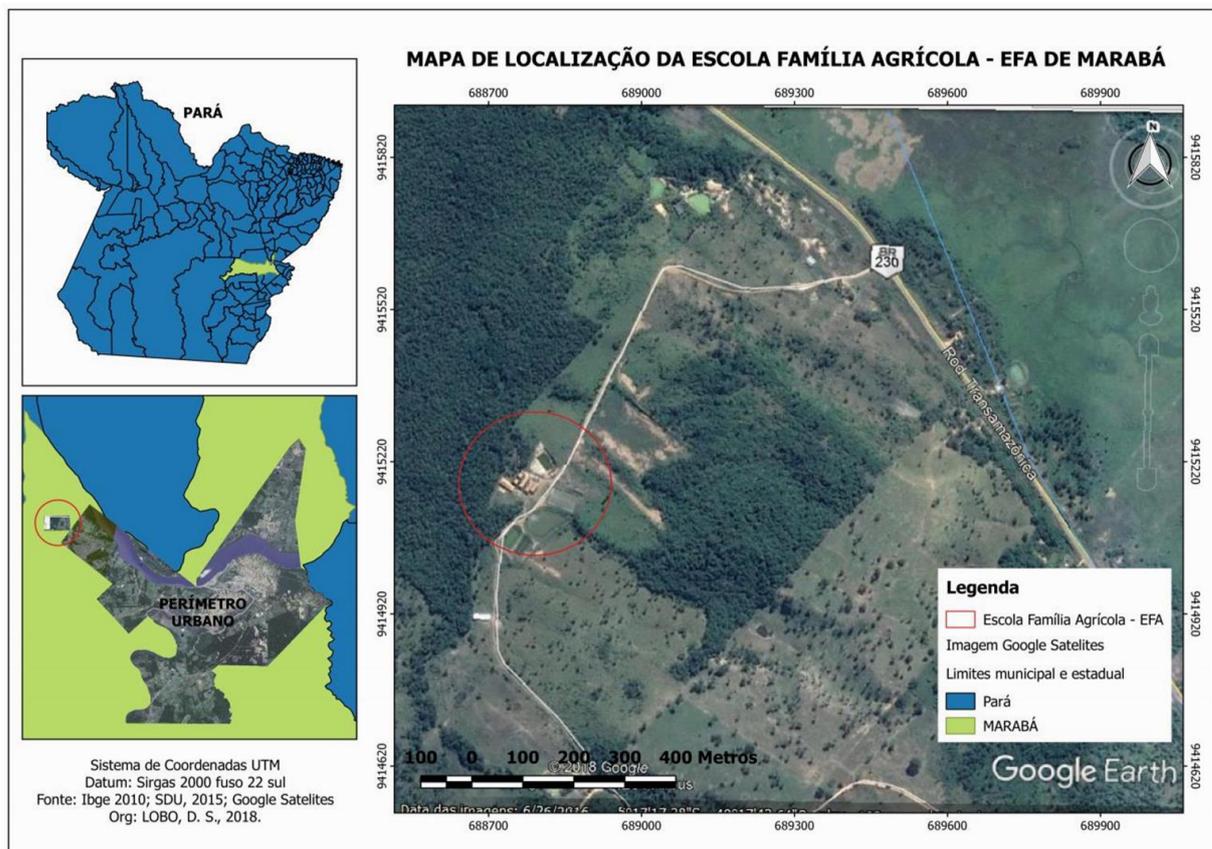
Figura 2: Espaço Físico da Escola Família Agrícola Professor Jean Hébette.



Fonte: PEREIRA, 2017.

A escola tem uma área de 25 hectares, contendo: quatro açudes, três utilizados para piscicultura e o outro como nascente. Uma pocilga, um aviário, um viveiro, um campo de futebol e uma praça ecológica, tendo também dois alojamentos (masculino/ feminino), um auditório e um refeitório (utilizados como sala de aula), cozinha e 10 banheiros (distribuídos pelo espaço). A EFA é constituída por quatro (4) turmas do ensino fundamental maior, com ensino integral em consonância com a pedagogia da alternância.

Figura 3: Mapa de localização da Escola Família Agrícola – EFA de Marabá.



FONTE: IBGE, 2010; SDU, 2015; Google Satélites (LOBO, p. 38, 2018).

Através da análise dos documentos fornecidos pela instituição como a síntese do PPP (projeto político pedagógico) e o currículo formal, pude verificar os princípios, fins e os objetivos do ensino da escola EFA professor Jean Hébette. A escola tem objetivos fundamentados nos princípios da liberdade, da solidariedade humana, tendo como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, no exercício da cidadania e na qualificação do trabalho. A análise desses documentos formais da EFA trouxe muitas inquietações para pensarmos e problematizarmos. A primeira seria como o currículo e a síntese do projeto político pedagógico da escola, que está extremamente relacionado a uma lógica de educação do trabalho. Preocupa o fato de que essa lógica de educação do trabalho recaia nos princípios de uma educação profissionalizante e tecnicista.

A educação na EFA Professor Jean Hébette é inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando no preparo para o exercício da cidadania e na qualificação para o trabalho (Síntese do PPP EFA- Marabá, 2018).

Historicamente, o Brasil no seu processo de industrialização, fez da escola uma extensão de princípios tecnicistas, significando responder a uma lógica de formar para o mercado de

trabalho, com a difusão do conhecimento escolar estruturado para atender às necessidades da mercantilização. Na minha opinião, em certa medida, A EFA tornou-se um desses espaços escolares infiltrados pelos discursos capitalistas, exemplo disso são os discursos dos professores que acabam se propagando pela escola, no qual tem concepções de trabalho de cunho capitalista e trazem para suas aulas e acabam interferindo na construção de uma educação que tem como base o trabalho como princípio educativo. Também podemos ver nas falas dos educandos pelos corredores muito preconceito em relação aos movimentos sociais e a luta pela terra, os educandos de certa forma estão se distanciando de entender o campo e a terra como um espaço de produção de vida. Vale ressaltar que os professores não conhecem os princípios da educação do campo, e necessitam urgente de formação continuada que aborde esses princípios, pois esses discursos estereotipados sobre o campo, podem afetar ainda mais a construção de um ensino voltado para discutir as questões sociais e culturais desses sujeitos.

Uma questão paradoxal reside no fato de que a EFA considera os princípios educativos evocados pela realidade dos educandos fundamentais para o trabalho com a matriz curricular formal, mas a materialidade disso parece distante. Pude perceber essa questão ao acessar alguns documentos fornecidos pela escola, um deles o histórico dos temas geradores do ano de 2019, no qual os temas se difundiam a questões aleatórias e não se preocupava com temáticas essenciais na construção de um modelo de escola do campo. As histórias de vida dos educandos e de suas comunidades não são levadas em conta, temáticas como juventude e trabalho, luta pela terra, e as demandas da comunidade também não são levadas em consideração nos temas geradores.

O trabalho com temas geradores é muito interessante e importante, e deve tratar de questões elencadas dos sujeitos campo, porém os percebo desarticulados das realidades dos educandos, exemplo disso, podemos ver que no ensino de língua portuguesa a preocupação está apenas em questões gramaticais e estruturais da língua, e os usos das narrativas trabalhadas não se aproxima da realidade dos educandos, evocando ainda mais a necessidade das narrativas dos moradores do P.A fazer parte desse ensino. Pesquisas documentais, na escola, nos revelam todas essas questões e descrevem também o trabalho árduo dos gestores em buscar adequar o currículo formal da escola à realidade do campo.

4. Poéticas Orais em Experiências da Pedagogia da Alternância

O projeto “Acordes de cordéis testemunhos em poéticas do campesinato” vinculado à Faculdade de Educação do Campo da Unifesspa realiza, desde 2014 na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, exercícios de escutas de contextos do campesinato. Minha

participação no Projeto, como bolsista PIBIC de 2018 a 2019, permitiu o diálogo das pesquisas do Tempo Comunidade aos propósitos do Projeto. Realizei entrevistas e exercícios etnográficos juntamente com testemunhos de memórias da luta pela terra, nos PAS Boa Esperança do Burgo e Grande Vitória. Dessas informações, temáticas, histórias de vida e descrever produções artísticas pela letra - voz traziam consigo memória de agricultores assentados e artistas da voz, como Luiz Antônio Ozório e Candido Reis. Antes, porém, da realização desse acesso ao campo da pesquisa, foram acessadas fontes bibliográficas da história oral, etnografia e poéticas da voz,

Para compreendermos a luta pela terra dos PAS Grande Vitória e Boa Esperança do Burgo, fizemos entrevistas com dois agricultores dos PAS que através de suas histórias de vida conjugadas às vivências de luta pela terra. Os desvelamentos dessas lutas, bem como as temáticas elencadas, nos advertem também para uma necessidade de reconhecimento dessas reminiscências. Nesse sentido, esses significados ocultos devem ser apoiados pelo reconhecimento público, para que esses sujeitos possam se sentir seguros socialmente e emocionalmente na sociedade (Thompson, 1997).

Foi fundamental perceber que não se tratavam apenas de narrativas temáticas ou memórias de eventos traumáticos. Ao longo da pesquisa, pude observar o valor artístico dessas vozes. A historiografia literária canônica inclusive sobre “literaturas das bordas” foram ou são altamente marginalizadas, desconhecendo ou quem sabe ignorando uma tradição oral de tantos povos, inclusive das matrizes culturais dos povos do campesinato.

Se pensamos pela lógica de que as tradições orais são anteriores aos textos canônicos e literários lidos pelo mundo inteiro, não descartamos a prerrogativa de que a literatura, quase sempre, se serviu do imaginário dos povos de culturas antigas. Visto dessa maneira, ao ter firmado o pé nas velhas tradições, a literatura não pode hesitar de olhar para o ontem de sua gênese criadora, nem tampouco negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade, as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas outras culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas (ZUMTHOR, 2010, p.8) (PIMENTEL, FARES, 2014, p.192).

A literatura e o seu ensino precisam buscar uma historiografia literária que tenha como base a inclusão, e que agregue as poéticas orais e não as deixe à margem desse “sistema literário”, pois ter os textos poéticos ainda como base para produzir uma literatura excludente, está muito longe de termos o texto oral com enfoque que ele precisa. Enquanto não tivermos uma literatura que não agregue e valorize as poéticas orais, iremos estar imersos em uma historiografia literária excludente em que explora, mas não reconhece a importância das poéticas orais no campo da literatura. Nós, enquanto pesquisadores das poéticas orais, devemos

desempenhar o papel de lutar pela valorização das multiplicidades das narrativas dentro da historiografia literária e buscar por meio dela uma força de resistência que supere essa exclusão.

Para esse projeto excludente, a classificação da poesia oral como uma Paraliteratura, uma literatura inferior, gesto de marginalização e ao mesmo tempo apropriação da poética oral para textos escritos. Assim, percebemos um gesto de tentar desmontar uma certa supremacia da escrita sobre a oralidade. É importante falar também que essa “soberania” imposta da “Literatura” com (M) maiúsculo cada vez mais se fragiliza quando se observa a diversidade de literaturas que trazem um olhar diferente da “Literatura” eurocêntrica canônica, um olhar que possibilita uma visão de uma literatura com base na diversidade dos sujeitos que foram colocados em um lugar de subalternidade e também feita por mulheres, sim! Por mulheres. As mulheres muito tempo foram levadas a crer ou a desconhecer que ocupavam um não lugar nessa atividade intelectual. A assimetria é significativa, mas há avanço quanto a essa compreensão e quanto à existência de um lugar importante da mulher nesse fazer.

As poéticas orais se caracterizam pela interface de linguagens, de significados, o que desconstrói o senso comum que a associa simplesmente ao analfabetismo, gesto negativo e preconceituoso.

O trabalho com as poéticas tem sido uma investida que subverte a lógica dos estudos literários, trata-se antes de tudo, uma aventura contra o cânone. Um lance audaz na tentativa de reformular as estruturas dominantes da crítica literária. No entrelugar da cultura e dos estudos literários nos embrenhamos e tiramos do limbo as culturas das bordas. O que faz pensar que temos o direito de excluir as formas narrativas orais dentro dos estudos literários? (PIMENTEL, AKEL, 2014, p.196).

Esse questionamento nos encoraja a lutar por uma democratização literária que deixe de lado essa base canônica que nega as poéticas orais e as várias manifestações ligadas à oralidade. Lutar contra o cânone é lutar por uma diversidade literária que contemple o todo da grandiosidade que é a literatura, e não se estabelecer dentro de um modelo que se diz “politicamente correto” erudito, escolarizado e superior, nessa ideia de desvalorizar.

A poética oral é capaz de nos transmitir enunciados sociais, culturais, antropológicos que nos tocam e que nos fazem refletir sobre a nossa própria realidade. As identidades, culturas conjugadas às histórias de vida dos sujeitos e da comunidade desvelam posicionamentos de seus modos de vida e fazem críticas e denúncias por meio dessa arte de toque libertador.

A literatura oral, expressão criada por Sébillot (1983), é uma resposta à miopia literária e cultural que tentou camuflá-la ou reduzi-la ao folclore ou ao popular. Poesia oral é outra coisa, tem uma acepção mais larga nas perspectivas sociológicas, antropológicas e literárias, pois tão fortemente social quanto individual, a voz mostra de que forma o homem se situa no

mundo em relação ao outro, como é capaz, seja através de mitopoéticas narradas ou através de cordéis, de atualizar os paradigmas literários, apresentando uma convencionalidade particular, híbrida e permeável, revelada numa poética comparável à secreção do corpo humano. A função desta arte não é nada modesta: não é comparativa, e sua primariedade deve ser entendida como primeira, vivendo, mergulhando e norteando sua vida nas repetições cíclicas, reatualizadas dos fenômenos (POSSAS, 2010, p.146).

A voz dos artistas narradores são realidades vividas, os vários “eus” do narrador, do escritor, do personagem é o efeito real e traz referência de lugar, espaços e sujeitos. Nesse viés, a literatura oral não deve ser pensada apenas na percepção de sentidos depreciativos de fabulação e de ficção.

5. O Território da Escola do Campo é o Território das Vozes da Luta pela Terra

Início essa discussão, caros companheiros, afirmando que o trabalho com as poéticas orais de cunho especificamente camponês no ensino das escolas do campo é uma forma de propor resistência, de agregar a luta camponesa e de reafirmar a identidade camponesa através do ensino. Preciso também enfatizar, que propor formas de trabalhar com as poéticas é dizer aos grandes latifúndios do cânone que estamos resistindo e lutando para termos o nosso espaço, e mais ainda, estamos lutando contra os arames farpados do sistema literário que cercaram as poéticas orais e não as deixaram ter espaço dentro da literatura. A luta já é existente companheiros, e os desafios alcançados por meio de uma poética da diversidade devem persistir para que alcancemos a construção de uma literatura brasileira que ainda está em construção.

Os sujeitos subalternos e suas poéticas diversificadas sofreram e sofreram silenciamentos e apagamentos, que de certa forma, sucumbiram ao processo de construção de uma literatura que represente a diversidade brasileira. Pensar em trabalhar com essas poéticas no contexto escolar é extremamente importante, e nos faz construir contra dispositivos⁴ discursivos contra uma literatura branca, criminosa, excludente e preconceituosa que se infiltrou no nosso país e ganhou força no espaço escolar e até acadêmico.

As narrativas orais dos moradores do PA Grande Vitória e Boa Esperança do Burgo são identidades conjugadas às histórias de vida dos sujeitos e dos PAS desvelando posicionamentos de como vivem e como se tornam críticos da vida. As poéticas nos constituem enquanto sujeitos

⁴ O trabalho com as poéticas orais nos faz criar contra dispositivos discursivos através de ter práticas discursivas que se contrapõe ao modelo de literatura eurocêntrica canônica. Construir contra dispositivos discursivos nesse sentido é principalmente dá ênfase ao trabalho com as poéticas orais dos sujeitos subalternos no ensino escolar e acadêmico, e recriar formas de pensar a construção de uma literatura que tenha com base a diversidade.

reflexivos e críticos, a poesia oral é um exercício do imaginário que através da visão profética do passado e dos espaços-tempo é capaz de nos inserir nas relações mundiais. (Glissant, 2005)

Historicamente, estivemos dentro do espaço escolar uma literatura branca, que nos impediu de presenciar por meio da literatura a nossa própria identidade e cultura. A violência do cânone tornou o espaço escolar um propagador de um discurso literário que invisibiliza os sujeitos subalternos e suas diversidades, e deu visibilidade ao homem europeu e suas culturas. Reitero que necessitamos trazer as poéticas dos “subalternos” para a escola e discutimos por meio da literatura as imposições que foram feitas ao nosso povo ao longo do tempo, porque parece-nos que os debates levantados no campo da literatura para que perceba, nós sujeitos e nossas literaturas, parecem nos ignorar.

Verifica-se, contudo, alguns - tímidos - avanços no que se refere, especificamente, ao ensino de literatura, defendendo-se a necessidade de a escola trabalhar com as literaturas ‘marginalizadas e de periferia’, de autoria africana, afro-brasileira, indígena e latina (AMORIM, CAVALCANTE, p.155)

Essa timidez que os autores falam é pensada em uma lógica de não deixar que a escola tenha acesso a outras verdades (conhecimentos), como os autores enfatizam ao longo do capítulo, a uniformização do pensamento nesse documento se caracteriza por um projeto de escola que não deixe ela ter acesso a outras verdades, realidades e ideias, que as torne libertos de um projeto de dominação que tenha como ponto crucial deixar “as verdades” da elite com centralidade nesses documentos. As verdades desses sujeitos que foram postas em lugar de subalternidade devem e necessitam ganhar força nesses documentos, para que possamos materializar os estudos com essas literaturas dentro do ensino escolar e desconstruir a dominância dessas “verdades “que massacram as literaturas dos sujeitos subalternos.

Essas verdades se materializam nas falas ressonantes de narradores dos PAS em destaque acompanhadas de nossas escutas e reflexões.

[...], mas atualmente eu sô agricultor, a vinte ano, vinte ano vinte dois anos vinte cinco anos puraí, eu acho puraí sô agricultor, a minha família toda é camponeses sou fie de camponês nasci e me criei no campo passei uns tempo trabaiano como operário mais agora no final das décadas eu continuo agricultor entende? (Expressão feliz) (Candido reis⁵, entrevista realizada em 2019).

O testemunho do agricultor relata sua saída forçada do campo em busca de outras formas de trabalho, mas não perdeu sua identidade de agricultor. As experiências de ser operário e

⁵ Candido Reis. In. PEREIRA, Andreia dos S. Acordes de cordéis testemunho em poéticas do campesinato. Programa de Iniciação à Pesquisa/CNPq. Marabá: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2018 – 2019.

serviçal do sistema industrial capitalista reforçaram sua identificação com o campesinato, e consequentemente a luta pela terra e a luta por direitos ao voltar para o campo.

[...]já passei umas fases muito difícil na minha vida assim(silêncio) porque quando o cara é (choro), eu hoje tô passando pus 68 ano, hoje, esse ano, então assim ó, a gente começou vivendo, cum pai pobre mãe pobre quebradeira de coco lá no maranhão, minha mãe quebrava coco no dia a dia de casa pra ajudar meu pai na agricultura, isso a gente traz assim dentro da gente, aquela coisa que não acaba, entendeu? (Candido Reis, entrevista realizada em 2019).

Candido coloca seus pais como um ponto de partida para revelar sua constituição camponesa, a história de vida dos seus pais trouxera-lhes reminiscências do trabalho e cultura e como a lógica capitalista conceitua o trabalho de sua mãe, observemos que ele diz “minha mãe quebrava coco no dia a dia de casa pra ajudar meu pai na agricultura” o trabalho de sua mãe nesse sentido é colocado como ajudar, uma concepção capitalista de se pensar a mulher em posição secundária no trabalho. A sociedade capitalista e patriarcal se institui e se legitima na perspectiva da dominação, no qual constrói discursos que ao longo do tempo se renovam.

Ainda que o entrevistado veja o trabalho de sua mãe como ajudar devido a discursos capitalistas, ele enfatiza a alegria de se reconhecer culturalmente a partir do trabalho de sua mãe, ao relatar, [...]eu sou maranhense da gema daquele que quebra o coco e come a farofa do gongo, torra o gonguim na panela pra comer a farofinha, eu tenho orgulho de ser essa pessoa, entendeu? (CÂNDIDO, 2019).

O tema da migração é outro aspecto relevante das narrativas acessadas, como é destaque no pensamento de Luiz Ozório.

É assim eu, eu sou piauiense, eu vim pro Pará largado da muier [...] deixei uma roça completa de algodão, fava e milho que foi no mês de setembro né? [...] fui pra serra pelada, aí foi lá na serra pelada foi que me tratei dessa malária, aí depois que sarei dessa malária aí passei a trabalhar em fazenda tomando conta da fazenda tá entendendo? (Luiz Ozório,⁶ entrevista realizada em 2019)

Fiz um recorte na narrativa acima para percebermos o processo de migração do entrevistado: 1) E ele migra para o Pará em busca de melhores condições de vida. 2) O processo de migrar fez com que ele deixasse a família e sua realidade camponesa. 3) Ele busca trabalhar no garimpo de serra pelada, porém, ao chegar se depara com uma realidade distorcida da que tinha ouvido falar e começa a trabalhar como vaqueiro.

⁶ Luiz Ozório, In. PEREIRA, Andreia dos S. Acordes de cordéis testemunho em poéticas do campesinato. Programa de Iniciação à Pesquisa/CNPq. Marabá: Universidade Federal do Sul e sudeste do Pará, 2018 – 2019.

Migrar é um processo que chega a ser doloroso, observando a performance da voz e do corpo e as entonações do entrevistado ao falar da sua migração para o Pará. Percebi a dor que foi esse processo, o jeito como ele se recorda desse lugar de origem nos desperta um sentimento de tristeza por parte dele, porém, acompanhado da esperança de refazer sua vida e de sua família.

Em relação à educação, outro tema importante nas narrativas acessadas, o pensamento do camponês Antônio Chaves é destaque, e podemos ver que a educação se fazia presente desde do início do acampamento Grande Vitória.

[..] até quando os menino entrou na série, aí teve uma um colegiozinho bem ali onde é a Kauam. A Elizabeth que era a presidente se reuniu fizemo um barracãozinho lá de palha aí fizemo um colegiozinho lá, aí meus meninos já vieram estudar aqui (Antonio chaves⁷, entrevista realizada em 2016)

No relato percebemos a importância da escola nos acampamentos, e principalmente percebemos a luta dos camponeses desde o princípio por uma educação para a classe trabalhadora. A luta por uma educação do campo no PA ainda persiste, pelo fato do assentamento ainda ter certas limitações no contexto da educação. A falta de mais escolas no assentamento é um ponto a ser destacado, pois muitos jovens que estão acessando o ensino médio têm que se deslocar até o município de Marabá para estudar, acarretando em dificuldades que vão desde o modelo de educação no qual se deparam na cidade, e as péssimas condições no transporte escolar.

A falta de escolas de ensino médio no campo é um fato presente em muitos municípios de Marabá, a falta dessa política pública, de certa forma, acaba fortalecendo o discurso de que o campo está atrasado. O desinteresse do governo em abrir escolas de ensino médio no campo é notório, o descaso com as populações do campo e a violação de direitos dos jovens camponeses por uma educação do campo é frequente. No intuito de amenizar essa situação as SEMED buscam encaminhar transporte escolar para os assentamentos, para que os educandos não fiquem sem estudar, porém, essa ideia cai por terra, pois a falta de estradas e as péssimas condições nos transportes escolares fazem com que os educandos fiquem na mesma situação, sem estudar.

Podemos ver na narrativa do agricultor Antonio oliveira, que mora no P.A a 17 anos, que a falta de escola de ensino médio acaba gerando muitos tumultos dos educandos do campo com os da cidade.

⁷ Antonio Chaves, in PEREIRA, Andreia dos S. pesquisa socioeducacional I; história de vida dos sujeitos e da comunidade. Faculdade de Educação do Campo – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2016

Eu tenho 17 anos que convivo aqui dentro desse P.A. E eu acho que se tivesse uma possibilidade de uma escola com ensino médio aqui dentro seria muito bom, até porque evitava alguns tumultos de, de aluno né, indo pra outra escola saindo pra se misturar com os de lá (Antonio oliveira⁸, entrevista realizada em 2019).

Esse relato é relevante e nos faz perceber “os tumultos” como colocado pelo agricultor, que os educandos do campo passam nas escolas urbanas, o preconceito que os jovens do campo sofrem a ter acesso a uma escola na cidade é visível, os preconceitos são de colegas de sala e até mesmo de professores, eu já passei por essa experiência e sinto muito por saber que muitos jovens da minha comunidade irão se deparar na mesma situação. Está em um lugar que não te reconhece e não aceita suas diversidades é frustrante, as escolas da cidade caracterizam-se na ideia de desvalorizar quem vem do campo, a escola em vez de abraçar as diversidades dos sujeitos do campo, se nega a aceitá-las.

Nesse sentido, reitero que precisamos lutar por mais escola no campo, a juventude camponesa grita e alto para que no campo também tenha escola para eles, acredito que essas vozes dos agricultores do P.A trazem questões sociais, culturais, identitárias e trazem para debate também a negação e falta de políticas públicas no campo. Percebemos assim, a necessidade de trabalha-las nas escolas do campo.

Portanto, propor as poéticas orais dos moradores do P.A e a realidade sociais e culturais dos sujeitos da comunidade, e do campo, irá não só fazer proporcionar debates e reflexões sobre a negação de direitos e políticas públicas para o campo como também irá valorizar e reforçar os contornos de escola do campo, fortalecendo o pensamento de uma escola com pedagogias fundamentadas nas vivências da fala, do corpo e da voz, que nos representem e que também desmitifiquem o consumo excessivo de uma literatura branca.

Articular e reorganizar o pensamento científico com os saberes da experiência é fazer do pensamento disciplinar multidimensional, pois deve ser prioritário, para o Educador, a compreensão de que precisará sempre ligar as partes ao todo e o todo às partes (POSSAS, 2011, p.7).

Ligar os saberes da experiência ao conhecimento científico ou em outras palavras, ligar as poéticas orais aos processos de ensino aprendizagem na disciplina de língua portuguesa é importantíssimo para que haja a construção de um conhecimento por meio da realidade que ultrapasse esse lugar que a literatura branca deixou posto para as poéticas dos sujeitos negros, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, camponeses, favelados e de tanto outros. O educador

⁸ Antonio Oliveira, in PEREIRA, Andreia dos S. pesquisa socioeducacional VI; estágio docência I. Faculdade de Educação do Campo, Marabá - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2018.

precisa fazer a articulação do micro com o macro para que consigamos desvelar os processos criminosos e de caráter violento vivenciados nas histórias de vidas dos narradores e, por que, não experiências de violência pedagógica.

Uma reforma educacional não é simplesmente, como muitos pensam, de caráter programático, mas sim paradigmático, porque inclusive o global e o local precisam ser articulados, principalmente tratando-se da conjugação da racionalidade sistemática com as humanísticas: a paixão, o temor, o medo e o pânico, dentre outros (POSSAS, 2011, p.7).

Esperamos que essas discussões possam abrir horizontes no que diz respeito ao trabalho com essas poéticas e que a escola busque perspectivas que valorizem o conhecimento local e que se utilize dele para pensar em um campo epistemológico capaz de discutir e construir outros métodos de conhecimento e que faça sentido para esses sujeitos.

Espero que, reservando esse espaço, para que essas vozes, quem sabe, sejam ouvidas, haja contribuições significativas aos estudos que entendam as fronteiras epistemológicas como permeáveis. Outros sujeitos culturais e suas práticas, especialmente as pedagógicas parecem estar ficando cada vez mais próximas de nós. O caos, a errância, a simplicidade, o onírico, o mítico, o primordial e a ambiguidade podem ser belos em um processo de ensino aprendizagem envolvendo todo mundo no exercício do encontro das diferenças (POSSAS, 2011, p.9).

Busquemos assim, ultrapassar essas ideias impostas pela literatura, devemos agora superar essa opressão que deixou os sujeitos subalternos no lugar do esquecimento. Para tanto, somente a ação humana deve organizar essas ideias literárias e recriar por meio das realidades desses sujeitos um fazer literário que abrange principalmente as diversidades dos territórios da escola do campo, para que tantas vozes, em especial, as do campo se agreguem ao ensino e recrie modo de pensar também a escola do campo.

Considerações

Para pensarmos em um trabalho pedagógico que dê foco às narrativas orais, precisamos abrir espaços para as alteridades de contextos subjugados e menosprezados, significando em especial, dar passagem para a riqueza estética dessas vozes. O campo, não esqueçamos, já é um território educativo, epistêmico e metodológico.

Volto para onde tudo começou, uma adolescente sem-terra, sem escola, sem oportunidades. Trazer minhas reminiscências e voltar àquela experiência me fortalece, me encoraja e me faz lembrar do que me tornei hoje. Ter me tornado uma acadêmica do campo, uma militante, demonstra que a luta pode ser alcançada, sair de um espaço de negação e violência a um espaço de conquistas individuais e coletivas resumidos na palavra (re)existência. Temos que reexistir nesses espaços do esquecimento, nesses espaços de massacres, nesses espaços de negação, nesses espaços de silenciamentos para atualizarmos nossa luta a cada dia.

A luta está longe de ter fim, companheiros, nós como pesquisadores e camponeses dedicados às causas da Educação do Campo, temos muitos desafios que ainda estamos persistindo para encaminhar a conquista. Ao desenvolver esse artigo trago reflexões a respeito das subjetividades impostas sobre a classe trabalhadora, e também reflexões no campo da literatura e da educação, que nos ajudam a perceber e questionar as imposições de realidades que não nos representam enquanto sujeitos do campo. Proponho também reflexões que nos ajudem de certa forma a pensar identidades da escola do campo, dando ênfase ao trabalho com as vozes dos sujeitos do campo.

As experiências alcançadas com este estudo me fizeram perceber que estamos num caminho promissor. Pesquisar a nossa realidade e trazê-la para debate e reflexão nos aproxima ainda mais dos nossos ideais de luta por uma escola do campo com nossa identidade camponesa. Trazer essas discussões a respeito do trabalho com as vozes da luta pela terra é muito importante e nos ajuda a ter suporte teórico para obtermos avanços em termos da práxis que tanto almejamos para as escolas do campo.

Foi também observada nas experiências alcançadas com este estudo, que há ainda dificuldade por parte de alguns dos professores e gestores da EFA em compreender a luta pela terra como parte da Educação do Campo. Portanto, é notório ver que os professores e gestores necessitam de formação continuada específica para Educação do Campo, para que assim, tenham também suporte teórico que os auxiliem a pensar na construção autônoma sobre currículo e práticas pedagógicas. Contudo, as escolas do campo carecem de mais atenção, não é só a EFA que tem dificuldade a respeito de estrutura física, currículo e de políticas

educacionais para o campo, enfatizo que para conseguirmos contribuições em um projeto de escola inovadora assim como o da EFA, necessitamos de apoio institucional e principalmente de organização que promova diálogo entre a academia e as escolas do campo.

A proposta que se deixa para a EFA Prof. Jean Hébette é a que o trabalho com as vozes da luta pela terra seja levado em consideração, em especial, as vozes dos agricultores do PA Grande Vitória, para que assim, alcancemos através da realidade desses sujeitos o amadurecimento no pensamento de escola do campo na EFA e que as questões de caráter social dessas vozes conjuguem experiências de alteridades que criem práticas de ensino e valorizem conhecimento local, no qual também possibilita aos educandos compreenderem a importância da luta pela terra na construção de um modelo ideal de escola do campo.

Referências

Livros

AMORIM, M. e CAVALCANTE. T. A BNCC e o ensino de línguas e literaturas: cp. 5: O ensino de Literaturas na BNCC: Discursos e (Re) existências possíveis. Pontes:

BRITO. N. e PEREIRA. M. e VIEIRA. C. S. Educação do Campo: Pesquisa, experiências e formação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 273p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

SANTIAGO. I., SOUZA. H. e BRITO. N. Práticas contra-hegemônicas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de Licenciatura em Educação do Campo do Sul e Sudeste do Pará. Brasília: NEAD, 2014.

Artigos

CALDART, Roseli Salete. Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área. Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir das experiências piloto. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

POSSAS, Hiran de Moura. Poéticas orais: sopros das tradições na contemporaneidade. Mato Grosso do Sul: Raído/UFGD, 2010.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, v.20, n. 42, p.377-391, 2014.

PIMENTEL, D. e AKEL, J. F. O lugar das poéticas orais. Boitatá, Londrina, n.17, jan-jul 2014.

POSSAS, Hiran de M. Tradições orais nas práticas pedagógicas das regiões insulares de Ananindeua, São Paulo: revista entrelaçando, n.2, p.1-16, set. 2011.

SILVA, Jeronimo. As curvas da barbárie: A atualidade do massacre de Eldorado dos Carajás. Pará: Marabá, 2020.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias”. Projeto História, São Paulo, n.15, p.51-84, abr.1997.

UNIFESSPA. Projeto político pedagógico do curso de licenciatura em Educação do Campo. Marabá-PA: 2014.

Fontes orais

Antonio Chaves, in PEREIRA, Andreia dos S. Pesquisa socioeducacional I; história de vida dos sujeitos e da comunidade. Faculdade de Educação do Campo – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2016.

Antonio Oliveira, in PEREIRA, Andreia dos S. Pesquisa socioeducacional VI; estágio docência I. Faculdade de Educação do Campo, Marabá - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2018.

Candido Reis. In. PEREIRA, Andreia dos S. Acordes de cordéis testemunho em poéticas do campesinato. Programa de Iniciação à Pesquisa/CNPq. Marabá: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2018 – 2019.

Luiz Ozório, In. PEREIRA, Andreia dos S. Acordes de cordéis testemunho em poéticas do campesinato. Programa de Iniciação à Pesquisa/CNPq. Marabá: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2018 – 2019.

Canção

SANTOS, Gilvan. Cantares da Educação do Campo. ITERRA – MST – Setor de Educação, 2ª edição, 2007.

Mapas

ACERVO FUNDIÁRIO DO INCRA. Projeto de Assentamento Grande Vitória . [Consultado em 10 de Dez. 2020] Website: <http://acervofundiario.incra.gov.br/acervo/acv.php>

LOBO, Deise da Silva. **Agroecologia e educação do campo: experiências da Escola Família Agrícola (EFA), no município de Marabá.** IBGE, 2010; SDU, 2015; Google Satélites. Marabá – PA, 2018.

Figuras

PEREIRA, Andrea dos Santos. Espaço Físico da Escola Família Agrícola Professor Jean Hébette. 2017. 1 fotografia.